Vigésima sétima carta

> **Sumário.** Maneira como nossos pais rezavam o Ângelus. — A diocese de Saintes. — O papa Calisto III. — Luís XI; sua ordenança. — São Carlos Borromeu. — Santo Afonso de Ligório. — Ménage; anedota. — A Espanha. — A cidade de Pau. — O clero e as ordens religiosas.

6 de agosto.

Meu caro Frederico

Sem preâmbulo, chego ao segundo ponto anunciado em minha carta anterior: a maneira como nossos pais rezavam o Ângelus.[1]

Crer que o que se passa hoje no mundo, e sobretudo em nossa França, em matéria de práticas religiosas, se passava do mesmo modo antes do renascimento do paganismo seria um erro grosseiro e muito malsão. Grosseiro, seria a negação do sol em pleno meio-dia. Muito malsão, tenderia a autorizar-nos em nossa culpada e estúpida indiferença. A verdade é que entre nossos pais e nós a diferença é grande. E essa diferença, é preciso dizê-lo, está longe de ser em nosso favor. Vais julgá-lo.

Já viste em nossa correspondência que, desde o começo da Idade Média, certas Igrejas, entre outras a diocese de Saintes, rezavam fielmente a Saudação angélica ao primeiro toque do sino do recolher. Sabes além disso a extensão dada pelo papa João XXII a essa saudação prática, um dos elementos de nosso Ângelus. Oração da tarde primeiro; depois, oração da manhã, acabou por tornar-se oração do meio-dia. Foi, como indiquei e como vou mostrar de novo, o papa Calisto III quem ordenou esse terceiro toque.

Eis o que lemos nos historiadores dos papas, escrevendo em Roma e mais bem situados que ninguém para conhecer os atos dos soberanos pontífices.

> *Era o ano da Encarnação de 1455. Os turcos acabavam de apoderar-se de Constantinopla e de todo o império do Oriente, de onde haviam expulsado os cristãos. Mal terminadas as cerimônias de sua coroação, Calisto III reuniu um consistório, no qual anunciou publicamente a cruzada contra os turcos e mostrou, escrito de próprio punho, o voto que fizera de lhes mover guerra sem*

> *trégua. Esse voto estava assim concebido: "Eu, Calisto, faço voto a Deus onipotente e à santa e indivisível Trindade de fazer, por todos os meios ao meu alcance, guerra aos turcos, os mais cruéis inimigos de nossos cristãos."*[2]

> *Ao mesmo tempo ordenou o toque e as orações do meio-dia, a fim de atrair a bênção de Deus sobre os exércitos cristãos. Não tenho dificuldade em atribuir a essas orações a libertação de Belgrado, cercada pelos turcos: magnífico feito de armas em que os cristãos, conduzidos pelo célebre Hunyadi e por João de Capistrano, marcharam ao combate, precedidos do estandarte da cruz, e fizeram imenso morticínio dos inimigos.*[3]

Insisti nesse ponto da história para dar a cada um segundo as suas obras. Não é justo, como fazem certos autores, dar a um rei da França a glória que pertence ao Vigário de Jesus Cristo. Aliás, se Luís XI não instituiu o Ângelus do meio-dia, não se lhe pode recusar o grandíssimo mérito de tê-lo propagado em seu reino.

Conforme as intenções do Sumo Pontífice, quis que ao Ângelus da manhã e da tarde, que se rezava pela paz geral da cristandade, se acrescentasse, pela prosperidade da França e o sucesso das armas católicas, o Ângelus do meio-dia. A ordenança desse príncipe faz-nos remontar a mil anos, de tal modo contrasta com o espírito de nossa época.

Datada de 1.º de maio de 1474, está assim concebida:

> *Ordena-se a todos os franceses, cavaleiros, homens de armas e plebeus, que se ponham de joelhos ao toque do meio-dia, se persignem devotamente e façam uma oração a Nossa Senhora, para obter boa paz.*

A ordenança foi executada com uma exatidão que prova até que ponto a devoção à Santíssima Virgem era popular entre nossos antepassados. Ao primeiro toque do Ângelus, dizem os historiadores, nas casas, nas ruas, nos campos e nos caminhos, não havia um francês que não se pusesse de joelhos para rezar a Maria. Cumprido esse dever, os passantes e os viajantes levantavam-se e prosseguiam o seu caminho.[4]

Que belo espetáculo, meu caro amigo, apresentava então essa França amada de Deus! Por que é preciso que tenha cessado e que os nossos tristes olhos já só o encontrem em alguns santos personagens, nas casas religiosas, entre os sacerdotes e no lar de famílias católicas, poucas demais! É aí, e só aí, é preciso dizê-lo para a sua glória, que se encontram os fiéis conservadores das tradições católicas.

À frente desses inteligentes conservadores do Ângelus aparece o grande arcebispo de Milão, são Carlos Borromeu.

> *Quando ouvia tocar o Ângelus — escreve o seu historiador —, punha-se logo de joelhos para rezá-lo, qualquer que fosse o lugar onde se achasse, mesmo no meio da lama, como eu mesmo o vi. Se estava a cavalo, descia para dizê-lo de joelhos.*[5]

Na esteira do ilustre cardeal encontramos, dois séculos mais tarde, seguindo-lhe as pegadas, outro pontífice três vezes célebre por sua ciência, por sua santidade e por sua terna devoção a Maria: nomeei santo Afonso de Ligório. Escutemos o autor de sua vida.

> *De manhã, ao meio-dia e à tarde, nunca deixava de dizer o Ângelus. Se estava em viagem, ao primeiro som do sino punha-se de joelhos, bispo embora fosse, e isso em público, para grande edificação de todos os que o viam.*

> *No fim da vida, tendo ficado surdo, queria ser avisado do som do sino, para fazer a mesma coisa. Se lhe acontecia estar à refeição, mandava retirar a mesinha que estava diante dele, lançava-se de joelhos, o garfo na mão, e ficava como em êxtase, a ponto de ser preciso fazê-lo levantar-se para que acabasse de tomar o alimento.*[6]

Contudo, é verdade dizer que a voz do Sumo Pontífice, junta à do rei da França, foi bastante tempo escutada. Assim, no século XVII, na França, na Itália, na Espanha e em toda a Europa católica, o Ângelus ainda se rezava geral e publicamente: as exceções contavam-se.

Como prova, um escritor dessa época refere a anedota seguinte:

> *Dois franceses procurando-se um ao outro em Florença, na praça do Palácio Velho, sem poderem encontrar-se por causa da grande multidão que olhava um saltimbanco, soou o Ângelus; e, tendo-se todos os italianos posto de joelhos, os dois franceses viram-se sozinhos de pé e assim se reencontraram.*[7]

Em Veneza, o Ângelus da tarde era, há poucos anos, um momento solene. Um rufar de tambor ressoava junto às portas da velha basílica de São Marcos. A guarda apresentava armas: dir-se-ia a passagem de um soberano ou de uma grande rainha. Depois um religioso silêncio se fazia na cidade inteira, na piazzetta, no molhe, nos cais, e cada um saudava Maria. Quem poderia contar

quantas graças obtidas por essa oração de um instante!

Ainda há pouco, nas guarnições italianas, o clarim tocava o Ângelus três vezes ao dia. Em Roma, antes da invasão piemontesa, o canhão do castelo Santo Anjo anunciava o Ângelus do meio-dia. Salvo um pequeno número de civilizados, todos se descobriam, mesmo nas ruas, e rezavam a venerável oração.

Hoje, as exceções, ai!, são por toda parte em sentido inverso. Ao som do Ângelus, o cristão de outrora punha-se de joelhos e olhava o céu; o cristão de nossos dias fica de pé e olha o relógio. O turco e o chinês fazem o mesmo.

Mais religiosa que a França, a Espanha conserva ainda, ao menos em várias províncias, a prática pública do Ângelus. É um espetáculo que impressiona viva e agradavelmente os estrangeiros.

> *Vede na praia de Cádis, ao pôr do sol, uma multidão elegante e numerosa comprimir-se, agitar-se alegremente, respirando o ar fresco, depois de um dia abrasador. Mas soa o Ângelus. Imediatamente as mulheres abaixam as mantilhas, os homens descobrem a cabeça. Todos permanecem imóveis até depois da recitação da Saudação angélica.*

> *Assim que a oração termina, inclina-se a cabeça aos amigos ou desconhecidos junto dos quais se está, dá-se reciprocamente boa-noite e retoma-se o curso do passeio. Há nesse costume algo de amável e de fraterno que lembra a igualdade e a caridade cristã quase tanto quanto poderia fazê-lo um longo sermão sobre essas virtudes.*[8]

Graças, sem dúvida, ao exemplo da Espanha, nossas províncias francesas vizinhas dos Pireneus mostraram-se, até estes últimos tempos, fiéis à antiga tradição. O Ângelus ali se reza publicamente por todos e sem sombra de respeito humano. Há alguns anos, um de nossos amigos encontrava-se em Pau: era dia de feira. As ruas e praças estavam atulhadas de mercadores, compradores e curiosos. Segundo o costume dos meridionais, as ofertas, as recusas, as condições de venda faziam-se gritando em vez de falando. Daí um barulho de não se ouvir.

> *No momento em que eu menos o esperava — diz o amigo de quem falo —, um silêncio absoluto se estabelece em toda a feira. Os homens tiram as suas boinas ou os largos chapéus e se inclinam sobre os bastões. As mulheres se calam e tomam, como os homens, a atitude de oração. Um espetáculo tão novo para mim me espanta, e peço a razão ao meu companheiro de passeio. — É meio-dia, diz-me ele, é o Ângelus que soa.*

> *Lágrimas me vieram aos olhos. Apressei-me a fazer a minha oração e exclamei: Por que não é assim por toda parte? Um instante depois, a feira recomeçou com a mesma animação. Mas um movimento dos corações se fizera em direção ao céu, um sorriso de Maria dele descera e, preocupado demais habitualmente com a terra, o homem se lembrara de sua pátria.*

Conheces algo de mais moral e de mais belo?

Seria, pois, impossível reatar a cadeia dessa salutar tradição? Entre nós, o clero e as ordens religiosas são os fiéis depositários dela. Devem guardá-la só para si? Nas crianças que instruem, nos pais e mães de família que dirigem, seu zelo estaria condenado a não encontrar auxiliares para o restabelecimento de uma devoção mais necessária hoje do que nunca? Mostrá-lo-emos numa próxima carta. Basta por hoje.

Todo teu.

Notas

[1] N. do T.: O original diz «ma deuxième lettre» («minha segunda carta»), que não corresponde ao conteúdo; o plano das quatro partes foi anunciado na carta anterior (a vigésima sexta).

[2] *Callixtus statim post, suæ consecrationis solemnitatem, bellum sacrum, quod cruciatam vocant, in publico consistorio Turcis indixit, idque se ante pontificatum vovisse ostendit suo chirographo his verbis scripto, quod in libro quodam extabat: «Ego Callixtus, Deo omnipotenti et sanctæ ac individuæ Trinitati voveome bello... et quibuscumque rebus potero, Turcos christiani nominis hostes sævissimos persecuturum.»* (Ciacconio, In Callixt., III.)

[3] *Crediderim ego tunc precibus omnium christianorum ad Bellogradum contra Turcos dimicantes, duce Joanne Vaivoda, viro clarissimo, astante etiam Joanne Capistrano ordinis Minorum, crucemque pro vexillo hostibus inferente, eos, Bellogradum oppugnantes, ingenti clade superasse.* (Platina, In Callixt.; Francesco Joannetto, In eumd., etc.)

[4] Monteil, *Vie privée des Français*, t. I; Ducange, *Gloss.*, v.º *Angelus*.

[5] Giussano, *Vit. S. Carol.*, lib. VIII, c. II.

[6] Tannoja, *Memorie*, etc., e *Vit. di S. Alphonso*. Monza, 1857.

[7] *Menagiana*, I parte, p. 206, ed. in-12, Paris, 1715.

[8] Condessa de Bradi, no *Dict. des connaissances usuelles*, art. *Angelus*.

Revision #1
Created 28 November 2026 13:47:35 by Admin
Updated 28 November 2026 13:47:35 by Admin